

## A leitura como afeto

Cleber Bicicgo\* 

O romance *O avesso da pele* (Prêmio Jabuti 2021), escrito por Jeferson Tenório e publicado em 2020 pela editora Companhia das Letras, traz a voz do jovem Pedro, universitário negro, filho de pais negros, que narra a vida de seu pai Henrique, professor de literatura da rede pública de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, morto após uma abordagem policial, e de sua mãe Martha. Alternando a narrativa entre a vida do pai e da mãe, Pedro busca compor uma memória do pai ausente a partir dos *restos de afetos*. Os acontecimentos são narrados de forma não linear, em segunda pessoa, como se Pedro estivesse falando com o pai.

A história revela ao leitor como é habitar um corpo negro num país racista como o Brasil. A passagem da infância para a vida adulta, em diferentes contextos e momentos, para cada personagem, apresenta a possibilidade de compreender os discursos que constituem o lugar do negro na sociedade. A partir da narrativa de Pedro, o leitor percebe como um corpo negro ocupa um espaço tecido pelo olhar do outro e como esse olhar determina o modo do negro estar no mundo.

O olhar que se lança sobre a pele negra de Henrique é atravessado pelo racismo estrutural, manifestando-se através de piadas e comportamentos que reforçam a violência e a exclusão. Um processo que funciona através de práticas discursivas, historicamente constituídas, fundamentadas em divisões de raças e classes sociais. Por outro lado, o reconhecimento desse lugar, dado pelo olhar do outro, contrasta com um outro olhar que se volta para dentro, espaço da subjetividade, *O avesso da pele*.

É necessário preservar o avesso, você me disse. Preservar aquilo que ninguém vê. Porque não demora muito e a cor da pele atravessa nosso corpo e determina nosso modo de estar no mundo. E por mais que sua vida seja medida pela cor, por mais que suas atitudes e modos de viver estejam sob esse domínio, você, de alguma forma, tem de preservar algo que não se encaixa nisso, entende? Pois entre músculos, órgãos e veias existe um lugar só seu, isolado e único. E é nesse lugar que estão os afetos. E são esses afetos que nos mantêm vivos. (TENÓRIO, 2020, p. 52).

A cor da pele não é o que define Henrique, apesar dos abandonos, das violências e do discurso de resistência, além disso, é *preciso preservar o avesso*. As relações impostas pelo racismo acabam por contrastar com esse outro olhar que se volta para dentro. O mergulho dentro de si, nesse lugar isolado e único onde estão os afetos, produz novas experiências, incorporadas por Henrique através da leitura literária.

---

\* Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Chapecó, Santa Catarina, Brasil. Professor de Língua Portuguesa e Literatura da rede pública do estado de Santa Catarina, Chapecó, Santa Catarina, Brasil. E-mail: cleberbicicgo@yahoo.com.br

Para Henrique a leitura é uma forma de liberdade que o leva a mergulhar num lugar só seu. O corpo de Henrique e o corpo das palavras estão atados por esse avesso. A partir do encontro com o professor Oliveira, um apaixonado por livros, Henrique experimenta afetos que atravessam o lugar da pele, abrindo novos espaços para a vivência de experiências através da leitura literária.

Um dia você ouviu o professor Oliveira falar sobre um livro, sobre um certo personagem russo, Raskólnikov. E foi como uma iluminação ouvir o professor lendo aquelas páginas de Crime e castigo. Você não sabia que aquele seria um livro que te acompanharia até o fim de sua vida. Embora não entendesse metade das coisas que eram ditas ali, quando você resolveu ler aquela história, você queria descobrir mais sobre aquele estudante miserável que morava num minúsculo apartamento em São Petersburgo. (TENÓRIO, 2020, p. 122).

Henrique dedica cada minuto do tempo livre para a leitura do romance. Dentro do ônibus, na volta para casa, mesmo durante uma abordagem policial, cada vez mais *mergulhado em Raskólnikov*, Henrique sente-se afetado pelo personagem. A leitura torna-se um lugar de refúgio das pequenas violências diárias que tem que passar por ser negro. Isso não significa silenciar o fato do racismo existir e ser terrível, mas sim a possibilidade de se conectar com afetos que o tornam humano, que tocam num lugar mais profundo, onde é possível cultivar experiências que não são atravessadas pelo racismo cotidiano.

Em torno da possibilidade de viver experiências afetivas através da leitura, o narrador acaba dando forma aos próprios sentimentos a partir da experiência de leitura do pai. Os momentos que eles passavam juntos eram sempre em torno dos livros, para Henrique era uma forma de criar uma relação com o filho, para Pedro era uma forma de passar mais tempo com o pai. As experiências de leitura tornam-se mais significativas para Pedro durante a faculdade de arquitetura. O interesse não tem uma motivação acadêmica, e sim afetiva. Pedro tenta entender um sentimento com o qual não consegue lidar, se Saharienne, uma garota que conheceu na faculdade, politicamente engajada e fã de cinema *cult*, sente algo por ele. O narrador se conecta com suas próprias experiências afetivas a partir da memória de leitura do pai.

Pai, como a gente sabe se alguém que está próximo de nós quer amizade ou algo mais? Lembro que você me olhou e depois sorriu. Ora, isso é fácil, Pedro: pergunte para a pessoa. Nós rimos. Deveria ser fácil, você continuou, mas eu sei que não é. Em seguida, você terminou de tomar um copo de Coca-Cola e disse: pelo jeito que você fala dela, a Saharienne é uma guria inteligente, então creio que é por aí que você vai fisgá-la. Você já leu O jogo da amarelinha, do Cortázar? Não precisa ler tudo. Comece pelo capítulo 7. Depois dê para ela. Você diz comprar o livro? perguntei. Não, comprar não, ele disse. Não agora, isso soaria impessoal. Eu te empresto e você copia o capítulo à mão, numa folha, e depois dá para ela. Ela vai entender. (TENÓRIO, 2020, p. 95).

O sentimento que parecia incompreensível ganha forma e coloca em movimento o leitor, que é lançado para fora do texto e também acaba sendo posto em *jogo*. É impositiva, nessa relação,

a necessidade de buscar *O jogo da amarelinha* (CORTÁZAR, 2019) para, assim como Saharienne, compreender a conexão entre o texto de Julio Cortázar e o afeto de Pedro. O texto propõe ao leitor esse deslocamento e o encontro com outro texto, com outras experiências. Uma dessas possíveis formas de colocar o leitor em experiência com o desconhecido aparece no próprio nome de Saharienne, título de uma canção composta por Chico César, inspirada no filme *The Sheltering Sky* de 1990, dirigido por Bernardo Bertolucci, que por sua vez é baseado no romance de mesmo nome, do escritor americano Paul Bowles.

A leitura leva para diferentes lugares, revelando o alcance das experiências que o leitor pode ter através do texto literário, como mediação entre uma experiência e outra, entre um sujeito e outro. Uma cena que parece ilustrar de forma marcante essa relação está nos momentos finais do livro, quando Henrique já totalmente desiludido com suas aulas, tem a possibilidade de ler com seus alunos o romance *Crime e castigo* de Fiódor Dostoiévski (2019).

A leitura na sala de aula era uma fonte de perpétua decepção para o professor Henrique, que aos 52 anos sentia-se fracassado no ofício de ensinar. Nesses anos de magistério viu muitos dos seus colegas desistirem, mas ele ficou e se tornou “aquele professor que não gostava de dar aulas” (TENÓRIO, 2020, p. 156). Cansou de encher os alunos com gramática e livros que eles nunca leriam. O professor, segundo Henrique, é um ser invisível, esquecido e só está ali porque “foi o que sobrou para os perdedores” (TENÓRIO, 2020, p. 155).

Há muito tempo ele não trabalhava mais com o programa de conteúdos da escola, esse processo deveria supor uma atitude nova, mas Henrique preferiu apenas ouvir o que os alunos falavam. O assunto do dia era que “fulano matou não sei quem e agora o sicrano vai mandar bala no fulano” (TENÓRIO, 2020, p. 164). Tendo percebido o prazer com o qual eles ouviam a história, Henrique vai até o centro da sala e dá um grito, todos ficam em silêncio, “Gostaria que vocês ouvissem uma coisa: se querem saber, eu conheço um cara que matou duas pessoas [...] e tem mais: eu sei o que ele pensou antes de matar, eu sei o que ele pensou enquanto estava matando, e sei o que ele pensou depois de matar” (TENÓRIO, 2020, p. 164). Então, todos duvidaram, porque não seria possível saber o que a pessoa pensava antes, durante e depois do fato. Henrique disse que poderia provar e prometeu trazer o sujeito na próxima aula, desde que ninguém faltasse. Voltou-se para o quadro e pela primeira vez conseguiu dar uma aula sobre Drummond.

Na aula seguinte todos estavam esperando o sujeito que o professor prometeu trazer. Em círculo, cada um recebeu uma cópia do primeiro capítulo do livro *Crime e castigo*. Algumas aulas depois, os alunos já tinham lido mais de quarenta páginas do livro. Henrique percebeu que a descrição de Dostoiévski os hipnotizava, “entre a narração de uma morte e outra, podia-se ouvir a respiração dos alunos” (TENÓRIO, 2020, p. 168). As *vidas anestesiadas*, ou como Henrique costuma chamar, aqueles que não entendem nada, *os perdedores*, encontram a possibilidade de uma experiência escolar significativa através da identificação com o personagem Raskólnikov.

A leitura da obra trouxe uma sensação de plenitude que Henrique nunca havia experimentado. Mais que o conhecimento disciplinado pelo currículo, a leitura entrou na sala de aula como possibilidade

de uma vivência afetiva e intelectual com os alunos. No final da última aula, um dos alunos acompanhou Henrique até o ponto de ônibus para saber mais sobre o personagem. Pela primeira vez a leitura rompeu as paredes da sala de aula, “se alguém perguntasse, você poderia dizer que estavam indo para São Petersburgo.” (TENÓRIO, 2020, p. 169).

Como Henrique, Jeferson Tenório lecionou em uma escola pública de Porto Alegre. No livro, o autor apresenta vários exemplos da desvalorização do professor, do fracasso escolar e da precariedade da educação, todos esses elementos acabam por formar um microcosmo da sociedade. A partir das relações humanas vividas na sala de aula, Tenório encontra um ambiente propício para a ficção. Essas relações permeiam sua escrita, colocando no centro do processo a condição humana, experimentada na relação entre texto e leitor, cujo elemento de contato parece girar dentro do campo de força dos afetos.

A leitura do texto literário é determinante para conectar professor e aluno, abrindo a possibilidade de uma vivência afetiva e intelectual. Em contrapartida, o currículo escolar perde importância, segundo essa posição, porque os conceitos e conteúdos produzem relações passivas que não tocam a vida dos alunos. A leitura literária é fundamental para fazer a passagem entre o saber passivo dos conteúdos escolares e o saber prático, baseado nas relações intersubjetivas. Saberes que às vezes parecem distantes do *chão da escola*, mas que podem ser mediados por um texto literário. Quem dá aulas para o ensino básico não se surpreende, portanto, que em determinados momentos o professor e os alunos se identifiquem com um texto ao ponto de se sentirem afetados por ele.

Na próxima seção tentaremos compreender a relação entre leitura e afeto, dialogando com o pensamento do filósofo Baruch de Espinosa (1632-1677), a partir da perspectiva da leitura imanente, tendo como mediadora a filósofa brasileira Marilena Chauí e como base de análise o texto literário, sobre o qual fundamentamos o que estamos chamando de leitura como afeto.

## **A leitura como afeto**

A primeira memória de leitura que Pedro relaciona às memórias afetivas do pai parte de uma pergunta, que Henrique lhe fez quando era criança, “Pedro, você sabe quem é Deus?” (TENÓRIO, 2020, p. 60). Para um menino de nove anos parece difícil responder, no entanto Pedro encontra na leitura de um livro que acabara de ler, sobre vampiros, lendas e histórias de terror, uma resposta possível: “Deus era um fantasma que morava no céu.” (TENÓRIO, 2020, p. 61). Uma resposta imprevisível do ponto de vista da teologia, mas do ponto de vista de uma criança é compreensível que a partir da própria experiência, Pedro produza um conceito de Deus baseado apenas no texto ficcional, sem depender do saber teológico ou religioso *a priori*. A designação de Deus pela memória de leitura expressa algo próprio à condição humana, que emana dessa condição, através da singularidade do olhar de uma criança. “Deus era um fantasma” dá sentido à experiência de leitura de Pedro. Através da relação com o texto, Pedro encontra um modo de se fazer compreender. Para o menino Pedro, Deus é um devir.

Essa forma de liberar o pensamento de um conceito *a priori* de Deus, colocando a leitura como uma forma de fazer emergir um saber singular, lembra o método imanente de leitura produzido pelo filósofo

Baruch de Espinosa. Nascido num bairro judeu de Amsterdã, filho de uma família de comerciantes portugueses, Espinosa tinha como língua materna o português e o hebraico, mas escrevia seus textos filosóficos em latim. Em 1656 Espinosa é excomungado da comunidade judaica por questionar preceitos do judaísmo ortodoxo. Afastado da comunidade onde cresceu, Espinosa (2019) escreveu o *Tratado teológico-político* (1670). Nele Espinosa inaugurou um novo método de leitura da Bíblia, que desde os hebreus, até o século XVII, não existia.

Espinosa (2019) propôs um método de leitura crítico para a leitura da Bíblia. Demonstrou que a leitura dos textos sagrados era baseada mais na doutrinação político-teológica do que numa leitura propriamente da singularidade do texto. Espinosa buscou nas escrituras os elementos que desqualificaram a interpretação ortodoxa. A crítica à moral teológica se deu a partir das próprias escrituras sagradas, dependendo fundamentalmente da língua na qual foi escrita, eliminando uma insuspeitada dificuldade de compreender os mistérios que só os iniciados pela doutrinação ortodoxa seriam capazes de penetrar. A singularidade é examinada a partir do texto, o resultado, citando Chauí (2016, p. 27), é que “a Escritura deixa de se apresentar como livro universal da religião universal, paradigma de toda religiosidade e de toda política, para se mostrar como singularidade histórica cuja causa é uma sociedade singular, a sociedade hebraica”.

A imanência, segundo Chauí (2016, p. 48), é definida como a natureza “ordenando-se a si mesma por uma necessidade que é o natural em si mesma, diferenciando-se a si mesma sem fragmentar-se nem separar-se de si, conservando-se presente em cada uma de suas expressões”. O método de leitura de Espinosa liberou o conceito de Deus do poder teológico-político, separando a natureza infinita de Deus, da noção produzida pelos teólogos. Espinosa afirma a existência de singularidades, sua teoria do conhecimento se encontra no conhecimento das coisas singulares. O conhecimento dessas singularidades só pode ser mediado pelos textos. Segundo Chauí, no método crítico de leitura “o próprio texto oferece ao leitor as condições, formas e variações de sua produção.” (CHAUÍ, 2016, p. 30). A leitura não depende dos teólogos, e sim do texto. Ele é uma expressão singular de um todo que desconhecemos, a interpretação é delimitada pela experiência com o texto, sem abstrair interpretações não imanentes a ele. Ao empregar o método, Espinosa percebeu que não existe fundamento para uma disciplina (dogma) que impeça as pessoas de compreenderem os textos sagrados.

Essa capacidade em produzir conhecimento a partir da experiência de leitura parece tocar na potencialidade que o livro *O avesso da pele* oferece ao leitor, ou seja, o encontro com afetos que transformam a experiência de leitura em conhecimento, conferindo ao conhecimento um sentido essencialmente humano e singular. Cada experiência de leitura coloca o leitor em jogo com um modo de conhecer sempre provisório e constantemente mutável que se dá na relação com a singularidade daquilo que lê. Um estado constante de mediação, entre uma experiência e outra, entre um sujeito e outro.

A leitura imanente desenvolvida por Espinosa, segundo Chauí (2016, p. 15), demonstra que “somente as coisas singulares têm uma causa e não as gerais, pois estas últimas nada são”. A potência do texto literário, como observamos na obra *O avesso da pele*, ganha destaque como uma forma de produzir afetos pela singularidade do texto. À medida que a experiência estética constitui os afetos, segundo a

obra estudada, a relação entre experiência estética e experiência afetiva acaba envolvendo também a dimensão ética e política. O afeto, assim como a leitura, se dá no campo da imanência dos encontros, o processo de afetar-se não está nem no sujeito, nem no objeto, como também não está no leitor, nem no texto, ele acontece a cada encontro, na relação entre eles.

A melhor maneira para compreender a natureza afetiva do ser humano é retomando a definição proposta por Espinosa (2008), na terceira parte do livro *Ética* (1677), sob o título “A origem e a natureza dos afetos”. O filósofo parte da análise da totalidade das manifestações da natureza para tocar de forma mais incisiva nas relações características da natureza humana. Segundo o filósofo, o homem é um animal afetivo cuja afetividade se constitui como uma expressão particular da natureza humana, determinada pelas relações e encontros que mantém com uma exterioridade.

Para Espinosa (2008), o conceito de afeto, primeiramente, se relaciona à ideia de paixão, aquilo que faz o sujeito mover-se no mundo; em segundo lugar, ao sentimento de como afetamos os outros e como somos afetados pelos outros. O afeto passa por uma relação imaginária entre as emoções e o modo como construímos nossos laços e nossas relações com o outro. Gilles Deleuze (2002) afirma que um afeto é antes de qualquer coisa, algo que é sentido pelo corpo, acontece antes do pensamento, porque é vivenciado primeiro pelo corpo. Como saber, por exemplo, o que Pedro sente quando está com Saharienne? A emoção e o sentimento são experimentados primeiro pelo corpo. A designação acontece depois, quando atribuímos um sentido ao que sentimos. Essa ambivalência da palavra “sentido” remete aos sentidos do corpo, como o amor por alguém e também ao sentido que atribuímos à ideia de amar. Na obra *O avesso da pele* os afetos são apresentados através de uma construção estética que fornece a Pedro uma maneira de pensar a sua realidade subjetiva. Nesse sentido, os afetos são o que sentimos na relação com os objetos, o ambiente e as outras pessoas, eles sempre dependem dos encontros.

Para exemplificar o primeiro caso, o afeto como paixão, voltamos ao professor Henrique e seus alunos, por que eles se identificam com *Crime e castigo*? A história conta as experiências de um estudante pobre que vive numa situação miserável, numa sociedade que o exclui de ter habitação e alimentação dignas. São Petersburgo parece com a periferia de qualquer cidade do Brasil, compreendemos, assim, como o jovem que vem dessa realidade vê Raskólnikov, num primeiro momento, como herói.

Por outro lado, quando o sujeito se depara com afetos contrários aos seus, a paixão é transformada em ódio e destruição de quem pensa diferente. No tempo presente observamos essas paixões nas redes sociais, espaço que abriga posições extremistas, quase nunca abertas ao posicionamento do outro. O ódio é ampliado pelo ódio recíproco, esse circuito só pode ser quebrado se o sujeito for afetado por um afeto contrário. Um afeto, afirma Espinosa, só pode ser contido por um outro, mais forte e contrário, dessa forma, o ódio só pode ser eliminado pelo amor, esse aspecto nos leva ao segundo ponto.

A literatura pode nos proporcionar experiências que até então não tínhamos e transformar os afetos. Isso se dá, segundo Espinosa, pela capacidade que os afetos têm de transportar o sujeito de um estado a outro, através da experiência com uma exterioridade. Por exemplo, o amor de Henrique pelos livros proporciona aos seus alunos uma forma de se conectar com outras vidas através da leitura literária. Essa talvez seja a própria força transformadora da leitura, ao afetar-se com o afeto do outro

o leitor é transportado para novas possibilidades de relação com o mundo. A travessia para além da superfície da pele e das camadas de violência cotidiana faz emergir experiências que o leitor passa a fazer parte no momento da leitura.

Nessa relação, a experiência de afetar-se com o afeto do outro a partir da leitura traz uma contribuição importante para pensar o encontro entre texto e leitor. A partir de cada encontro com o texto, o leitor é afetado por outras experiências. Essa possibilidade de afetar-se com o afeto do outro, presente no texto, faz o leitor participar de experiências que não seriam possíveis sem a mediação do texto. Na experiência com os textos, segundo Valdir Prigol (2010, p. 27), o leitor encontra “uma possibilidade de ser outra coisa além de si mesmo, ou, pelo menos, de encontro do leitor com outros modos para narrar a sua vida”. Isso toca num ponto fundamental, a partir da leitura de textos literários é possível se colocar no lugar do outro e desse lugar privilegiado encontrar-se.

A partir do encontro com o texto literário, Henrique e seus alunos experimentam um saber mais significativo que os conteúdos curriculares ensinados, porque esses quase nunca se relacionam com o mundo no qual eles vivem. Michèle Petit (2008, p. 38), através do trabalho de mediação de leitura, realizado com jovens na periferia de Paris, afirma que a leitura traz um ponto de vista mais íntimo para o conhecimento, “permite ao leitor, às vezes, decifrar sua própria experiência”.

Para Antonio Candido, a literatura amplia o potencial humano de inventar e recriar o mundo. O conhecimento imaginativo deve ser, de acordo com Candido (1972, p. 3), um dos efeitos mais importantes do processo de produção social do conhecimento, pois alimenta a “relação curiosa entre a imaginação explicativa, que é a do cientista, e a imaginação fantástica, ou ficcional, ou poética, que é a do artista e do escritor”. A ficção abre diferentes percursos ao saber, um trabalho intelectual e afetivo que se constitui na participação entre texto e leitor. A imaginação é uma forma de conhecimento, segundo Deleuze (2002), determinada por experiências afetivas, nunca por uma ideia, mesmo que verdadeira. A imaginação alimenta a participação efetiva entre a produção de saberes e a vida.

Espinosa ajuda a pensar a relação entre leitura e afetos, para o filósofo, os afetos podem ser ativos quando aumentam a capacidade de expandirmos nossas forças criativas, ou passivos quando funcionam apenas como reprodução de uma ideia. A leitura é passiva quando depende de um agente externo, como um enquadramento teórico que serviria como modelo de leitura. Esse modo de ler gera um sentimento de frustração, como, por exemplo, no contexto escolar. A leitura ativa acontece quando a relação com o texto desencadeia uma potência transitiva, que serve como travessia para o leitor penetrar o seu íntimo. Essa leitura tem uma duração prolongada e intensa.

A literatura permite um relacionamento mais amoroso com o saber. Ao mesmo tempo que permite ao leitor tocar o seu íntimo, ela se constitui como uma expressão particular da natureza humana, proporcionando ao leitor experiências que ele sozinho não saberia nomear. Nessa relação, o leitor participa de uma humanidade que é sua, através do texto ele tem a possibilidade de encontrar uma palavra que expresse o seu afeto, tornando a literatura um espaço importante para o enriquecimento da experiência humana. O leitor se sente participante de uma experiência humana profunda que o toca, proporcionando um conhecimento íntimo sobre os próprios afetos.

## Considerações finais

Na sua última aula de leitura, enquanto caminhava até o ponto de ônibus, Henrique planejou ler Kafka, Cervantes, James Baldwin, Virginia Woolf e Toni Morrison com seus alunos. A leitura produz uma potência de ser e agir tão grande que pela primeira vez, depois de muitos anos, Henrique acreditou que poderia virar o jogo. Andando pela rua nem prestou atenção nas luzes do carro da polícia girando ao seu redor, nem pareceu ter notado o carro parar ao seu lado, porque “sua cabeça ainda estava na sala de aula, ainda estava em Dostoiévski.” (TENÓRIO, 2020, p. 176). Nem escutou quando o policial gritou para encostar na parede. Henrique só queria pegar o livro que estava na bolsa, antes que pudesse pegá-lo uma chuva de balas atravessou o seu corpo.

A cena traz de forma trágica o contexto social de violência, onde “um corpo negro será sempre um corpo em risco” (TENÓRIO, 2020, p. 184). O contexto social contrasta com o momento anterior, decompondo e destruindo os afetos. A obra *Crime e castigo* o acompanhou até o fim, como um *trampolim* para fugir desse contexto e mergulhar dentro de si. Os livros serviram como uma forma de travessia, entre a pele marcada pelo preconceito e aquele “lugar só seu, isolado e único”, onde vivem os afetos. São esses mesmos afetos que mantêm Henrique vivo para Pedro.

O filho reconstrói a história do pai a partir dos afetos, que do início ao fim giram em torno da leitura, como uma forma de recuperar a experiência do pai ausente. Isso nos permite compreender como a leitura produz esses afetos, porque eles parecem estar nos livros que o pai lê. Podemos concluir que a leitura como afeto, na obra analisada, parte da relação entre um pai e um filho, colocando em cena o protagonismo de uma voz negra, numa sociedade racista, que encontra nas experiências de leitura uma forma de suspensão da condição imposta ao corpo e ao pensamento.

A leitura é uma forma de libertar o pensamento do enquadramento social do corpo, como uma forma de manter-se vivo, “Você sempre dizia que os negros tinham que lutar, pois o mundo branco nos havia tirado quase tudo e que pensar é o que nos restava.” (TENÓRIO, 2020, p. 61). A leitura é uma forma de potencializar o corpo e o pensamento, produzindo uma relação intelectual e afetiva entre pai e filho “Eu queria ter morado num pensamento teu. Como uma forma de amor. Um amor entre pais e filhos. Um amor intelectual, silencioso e delicado.” (TENÓRIO, 2020, p. 156). A preocupação com o pensar é uma forma de enfrentamento interior das diferentes maneiras pelas quais o racismo atinge e afeta negativamente sua vida. O olhar que se volta para dentro é, por outro lado, o reconhecimento de um lugar só seu, espaço da subjetividade, *O avesso da pele*.

Essas singularidades nos colocam em posição de pensar os afetos como um modo de ler, a partir das experiências que o encontro com o texto literário possibilita. Esse aspecto é uma das maiores contribuições do romance *O avesso da pele*. Os afetos mais profundos do sujeito não possuem cor, eles emergem dentro desse “avesso” e o transformam, tornando um elemento de contato entre pai e filho, como uma forma de saber mais amoroso, potencializando a experiência humana.

Assim termina o livro, Pedro andando pelas ruas de Porto Alegre, descrita como uma cidade intolerante, “era um lugar que você construiu fora de si. Você nunca esteve dentro dela.” (TENÓRIO, 2020,



p. 188). Talvez o verdadeiro lugar de pertencimento de Henrique fosse *o avesso* e que esse lugar fica em San Petersburgo, ele sempre estará voltando para lá. A leitura como afeto é uma forma de travessia, tornando Porto Alegre, capital da antiga Província de São Pedro (San Petersburgo) um outro lugar, verdadeiro e único.

## Referências

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, set. 1972.

CHAUÍ, Marilena. *A nervura do real: imanência e liberdade em Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. v. 2.

CORTÁZAR, Júlio. *O jogo da amarelinha*. Tradução de Eric Nepomuceno. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Crime e castigo*. 8. ed. São Paulo: Ed. 34, 2019.

ESPINOSA, Baruch de. *Tratado teológico-político*. Tradução de Diogo Pires Aurélio. 4. ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 2019.

ESPINOSA, Baruch de. *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2008.

PRIGOL, Valdir. *Como encontrar-se e outras experiências através da leitura de textos literários*. Chapecó: Argos, 2010.

TENÓRIO, Jeferson. *O avesso da pele*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Recebido em 31 de maio de 2023.

Aprovado em 31 de julho de 2023.

## Resumo/Abstract/Resumen

### A leitura como afeto

#### Cleber Bicingo

Na obra *O avesso da pele* (2020), romance escrito por Jeferson Tenório, os afetos assumem o papel central ao tratar do racismo. Nas tramas desses afetos, o encontro entre texto e leitor permite mergulhar num espaço onde a pele não possui cor. Desse lugar baseado no conhecimento imaginativo da ficção,

buscamos refletir como as cenas de leitura apresentadas na obra produzem afetos a partir do encontro entre texto e leitor, para compreender como esses afetos parecem emergir dessa relação. O resultado aponta para um modo de ler no qual o afetar-se com o afeto do outro, através da leitura literária, abre a possibilidade de ampliar as experiências humanas.

**Palavras-chave:** afeto, leitura literária, experiência.

### **Reading as affection**

#### **Cleber Bicicgo**

In the work *The reverse side of the skin* (2020), a novel written by Jeferson Tenório, affections assume the central role in dealing with racism. In the plots of these affections, the encounter between text and reader allows us to immerse ourselves in a space where the skin has no color. From this place based on the imaginative knowledge of fiction, we seek to reflect on how the reading scenes presented in the work produce affections from the encounter between text and reader, to understand how these affections seem to emerge from this relationship. The result points to a way of reading in which affecting oneself with the affection of the other, through literary reading, opens the possibility of expanding human experiences.

**Keywords:** affect, literary reading, experience.

### **La lectura como afecto**

#### **Cleber Bicicgo**

En la obra *O avesso da pele* (2020), novela escrita por Jeferson Tenório, los afectos asumen el papel central en el tratamiento del racismo. En las tramas de estos afectos, el encuentro entre texto y lector nos permite sumergirnos en un espacio donde la piel no tiene color. Desde este lugar basado en el conocimiento imaginativo de la ficción, buscamos reflexionar cómo las escenas de lectura presentadas en la obra producen afectos a partir del encuentro entre texto y lector, para comprender cómo estos afectos parecen emerger de esta relación. El resultado apunta a una forma de leer en la que afectarse a uno mismo con el afecto del otro, a través de la lectura literaria, abre la posibilidad de expandir las experiencias humanas.

**Palabras clave:** afecto, lectura literaria, experiencia.